

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN: A TRAGICIDADE EM *MAR NOVO*

Giovana Luersen Chaves¹

Luiz Rogério Camargo²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar o conceito da tragicidade no contexto marítimo a partir do livro *Mar Novo* (1958), da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Ao observar-se a potencialidade do trágico, optamos por subdividi-lo em três eixos principais para aprofundamento da análise literária acerca do tema. São eles: o sentimento de mal-estar, o ato de insurreição e a jornada do herói trágico, todos conectados a elementos e representações marítimas. Quanto à metodologia, esta ancora-se no *corpus* poético de Sophia, e nos postulados teóricos ligados ao trágico, em Albin Lesky (1996). Para tanto, é proposto, neste artigo, uma contribuição às discussões atuais ligadas às políticas autoritárias que têm nutrido o questionamento de liberdades individuais já, há tempos, conquistadas.

Palavras-chave: Trágico. Mar. Poesia. Portugal.

¹ Aluna do 6º período do curso de Letras – Português e Inglês da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2019-2020). *E-mail*: luersen.giovana@gmail.com

² Orientador da Pesquisa. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: luiz.camargo@fae.edu

INTRODUÇÃO

“Quando eu morrer voltarei para buscar/Os instantes que não vivi junto do mar”, brada Sophia de Mello Breyner Andresen (2018, p. 468) em “Inscrição” presente no *Livro Sexto*. Primeira mulher a receber o Prêmio Camões em 1999, Sophia é uma das figuras mais importantes da literatura portuguesa do século XX. Sua sintaxe direta tem como principais eixos temáticos a natureza, a antiguidade clássica, a cidade, as questões sociais, e principalmente sua disposição pela inteireza e clareza.

Além disso, o mar configura-se como elemento fundamental na obra andreseana. Este abarca desde o saudosismo das navegações portuguesas, passando pela mitologia grega, até chegar às memórias de infância da autora, nascida na cidade do Porto, Portugal. Logo, a temática apresenta aspectos ligados ao eu-poético e sua comunhão com a pureza presente na natureza, no reencontro do eu no sentimento de solidão, além da representação do mar como um universo intimamente ligado ao trágico. Portanto, a tragicidade aparece como um assunto contrastante, e por isso, rico em nuances. Em sua bibliografia, o mar é o tema de maior destaque, presente inclusive nos títulos *Dia do Mar* (1947), *Coral* (1950), *Mar Novo* (1958), *Navegações* (1983) e *Ilhas* (1989). As memórias de infância na Praia da Granja formam a matéria-prima para a construção de sua imagem poética marítima. Em entrevista a Jorge de Sena pela Revista Noesis (1993), Sophia fala da “casa do mar”, localizada na Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, “Ali passei verões e verões da minha infância, da minha adolescência e da minha juventude. Este mar era o pleno oceano da praia da Granja. A minha casa era construída à beira das dunas”. O professor e pesquisador português Manuel Gusmão (2013, p. 13), entende o mar na obra de Sophia como “[...] um auxiliar de revelação do mundo”.

Em um mesmo mergulho, os elementos marítimos relacionados à renovação e liberdade contrastam em *Mar Novo* com o sombrio. Neste sentido, o tema da tragédia se apresenta na obra como a base temática que alicerça o subtema do marítimo. Dessa maneira, será analisado neste artigo como se dá o sentimento do trágico no contexto marítimo. Para isso, o percurso que o eu-lírico realiza em *Mar Novo*, apresenta-se em três movimentos: o sentimento do trágico promovido pelo contexto político-autoritário em Portugal; o movimento de insurgir-se contra a ordem estabelecida e a jornada do herói trágico. Todos guiados pela alegoria do mar.

Dito isso, o procedimento metodológico utilizado será a apreciação bibliográfica da obra poética de Sophia, com orientações de ordem qualitativa, além da leitura de postulados teórico-críticos de Albin Lesky (1996), Helena Malheiros (2008) e J. B. Martinho (2013).

1 O SENTIMENTO DO TRÁGICO

Mar Novo é norteador pelo pessimismo. Para o pesquisador em Literatura Portuguesa do Século XX, Fernando J. B. Martinho (2013, p. 14), o livro apresenta: “Um sentimento trágico da vida que se manifesta num mal-estar, numa negatividade que se diz em termos como ‘desespero’, ‘absurdo’, ‘desencontro’, ‘náusea’, ‘nojo’ [...]”. A partir do comentário do autor, em que *Mar Novo* parece exprimir um “[...] sentimento trágico da vida” (MARTINHO, 2013, p. 14) temos como ponto norteador da obra o conceito do trágico.

Embora o trágico suscite grandes debates ao longo da história da literatura, para uma melhor compreensão de como o tema se relaciona com a obra de Sophia, é importante apresentar brevemente os pontos centrais da tragicidade. Para isso, deve-se considerar inicialmente o conceito poético, formulado no século IV a.C. por Aristóteles em *Poética*. Segundo Aristóteles (1987, p. 205) “[...] é pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão [...] e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções”. O filósofo afirma que a tragédia, no teatro grego, deve apresentar personagens de elevada condição social, como heróis, reis e deuses, além de ter como objetivo final, o fim dramático da personagem que se rebela contra as forças do destino ou ordens estabelecidas. Entretanto, este conceito grego de tragicidade apresenta certas limitações. Segundo o filólogo Albin Lesky (1996, p. 27) em *A tragédia Grega* (1996) “Os gregos criaram a grande arte trágica [...] mas não desenvolveram nenhuma teoria do trágico que tentasse ir além da plasmação deste no drama e chegasse a envolver a concepção do mundo como um todo”. Para ele, a tragédia também está ligada a experiência humana com o trágico, pois como afirma Glenn Most (2001, p. 63) em *Da tragédia ao trágico*, o conceito “não define um gênero literário, mas a essência da condição humana, em sua estrutura imutável ou como se manifesta em circunstâncias excepcionais, catastróficas”. Assim, também se pode observar o trágico como um acontecimento de caráter ruim, sinistro, desventuroso. Há, portanto, uma interpretação do sentimento do trágico, em *Mar Novo*, que não se limita apenas a *Poética* de Aristóteles, mas à realidade experimentada por Sophia.

Observa-se no contexto político que a autora vivenciou em Portugal, uma situação assombrosa, devido à repressão e a violência promovidas a partir dos anos de 1930 contra aqueles que se rebelavam com “[...] greves, contestações e conspirações, geralmente pouco eficazes, mas debilitantes do regime” (NERY, 2019, p. 96), durante o comando do ditador Antonio Salazar com a imposição do Estado Novo. Como exemplo, um episódio importante na trajetória de Sophia, que define até mesmo o título de sua obra, é um ato de censura direcionado ao irmão da poeta. Em 1956, João Andresen,

arquiteto, ganhou um concurso para construção em Sagres do monumento ao Infante D. Henrique. Este levaria o título de *Mar Novo*. Entretanto, o projeto foi impedido por Salazar, e o Conselho de Ministros cancelou a construção. Então, Sophia, incomodada com a injustiça, dá a sua nova publicação, o título que seria da obra.

O sentimento de incômodo em relação às injustiças provocadas pelo regime de Salazar está presente em momentos importantes da obra. De acordo com Isabel Nery (2019, p. 97) biógrafa de Sophia, o título é:

[...] atualmente visto por alguns estudiosos como significativamente provocador. Sendo o mar o desígnio histórico dos portugueses, acrescentar-lhe a palavra “novo” em tempo de ditadura trazia implícita a urgência de mudança de regime.

Dessa maneira, nota-se em *Mar Novo*, a tragicidade representada pelo mal-estar diante do contexto ditatorial em Portugal.

No poema “Liberdade”, esse mal-estar é representado no desassossego causado a partir da corrupção da liberdade, isto é, sensação de inteireza. Vejamos:

Liberdade

Aqui nesta praia onde
Não há nenhum vestígio de impureza,
Aqui onde há somente
Ondas tombando ininterruptamente,
Puro espaço e lúcida unidade,
Aqui o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade (ANDRESEN, 2018, p. 376).

Observa-se no verso “[...] vestígio de impureza” (ANDRESEN, 2018, p. 376), o desconforto do eu-lírico ao perceber que o mundo externo à praia está tomado pelo sujo, pelo decadente. Logo, a única maneira de escapar desse incômodo é por meio dos elementos naturais “Aqui nesta praia [...]” (ANDRESEN, 2018, p. 376).

A pesquisadora Helena Malheiro (2008, p. 104) em *O Enigma de Sophia: Da Sombra à Claridade* comenta que “Trata-se da liberdade essencial do homem que a existência veio corromper e mutilar. A liberdade que já só se encontra longe da cidade e dos homens, na pureza incólume da praia”. Assim, também é possível notar que no “Poema inspirado nos painéis que Júlio Resende desenhou para o monumento que devia ser construído em Sagres”, a transição da liberdade para o tempo fragmentado representado inclusive pela construção do poema é dividido em dois momentos.

Poema inspirado nos painéis que Júlio Resende desenhou para o monumento que devia ser construído em Sagres

I

Nenhuma ausência em ti cais da partida.
Movimento ritual, surdo rumor de búzios,
Alegria de ir ver o êxtase do mar
Com suas ondas-cães, seus cavalos,
Suas crinas de vento, seus colares de espuma,
Seus gritos, seus perigos, seus abismos de fogo.

Nenhuma ausência em ti cais da partida.
Impetuosas velas, plenitude do tempo,
Euforia desdobrando os seus gestos na hora luminosa
Do Lusíada que parte para o universo puro
Sem nenhum peso morto, sem nenhum obscuro
Prenúncio de traição sob os seus passos.

II

REGRESSO

Quem cantará vosso regresso morto
Que lágrimas, que grito, hão-de dizer?
A desilusão e o peso em vosso corpo?

Portugal tão cansado de morrer
Ininterruptamente e devagar
Enquanto o vento vivo vem do mar

Quem são os vencedores desta agonia?
Quem os senhores sombrios desta noite
Onde se perde morre e se desvia
A antiga linha clara e criadora
Do nosso rosto voltado para o dia? (ANDRESEN, 2018, p.398-399)

Aqui, observa-se o mal-estar da nação portuguesa, antes orgulhosa de suas viagens além-mar “Alegria de ir ver o êxtase do mar/ Com suas ondas-cães, seus cavalos” (ANDRESEN, 2018, p. 398-399), “Do Lusíada que parte para o universo puro/ Sem nenhum peso morto, sem nenhum obscuro” (ANDRESEN, 2018, p. 398-399), e agora entristecida pelo presente corrompido “Portugal tão cansado de morrer/Interruptamente e devagar” (ANDRESEN, 2018, p. 398-399), “Quem são os vencedores desta agonia?/Quem os senhores sombrios desta noite” (ANDRESEN, 2018, p.398-399).

Na primeira parte, segundo Márcia Helena Saldanha Barbosa (2010, p. 181) em artigo publicado na revista *Navegações*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, “[...] o poema mostra a “alegria”, o ímpeto e a “euforia” dos navegadores que se preparam para “ir ver o êxtase do mar”, com suas maravilhas e perigos”. Enquanto no segundo momento, “o texto focaliza o “regresso” dos lusos e a sombra da morte, do sofrimento e da desilusão que se abate sobre eles e ofusca o brilho de suas conquistas” (BARBOSA, 2010, p. 181).

Dessa maneira, esses poemas transitam no cenário subjetivo do que é o fio condutor do livro, justamente por apresentar a perda da inteireza, isto é, da plenitude do ser, representada pelo contato com o mar, e a liberdade diante do drama no cenário político.

2 A INSSURREIÇÃO

Após a experiência do mal-estar, pode-se visualizar a partir desta seção, o movimento do insurgir-se contra a ordem estabelecida. Insurreição fundamental em *Mar Novo*, pois nessa obra a poeta apresenta sua oposição ao regime salazarista. Segundo Andresen (2018, p. 898), em *Arte Poética III*

O artista não é, e nunca foi, um homem isolado que vive no alto duma torre de marfim.
O artista, mesmo aquele que mais se coloca à margem da convivência, influenciará necessariamente, através da sua obra, a vida e o destino dos outros.

Retomando o conceito da tragicidade grega, um dos pontos centrais é a questão da insurreição. Adilson Santos (2005) no artigo *A Tragédia Grega: um estudo teórico*, publicado na revista *Investigações* da Universidade Federal de Pernambuco, ressalta que em *Antígona* de Sófocles, escrita por volta de 442 a. C., nota-se que a personagem decide seguir seus valores religiosos e familiares, e, assim, manter um posicionamento contra o Estado e a consciência coletiva, ao tentar sepultar seu irmão, Polínicês, mesmo com a negativa de Creonte. Antígona é sepultada viva, respondendo às suas escolhas, e, paradoxalmente, direcionando-se ao destino que é superior a elas.

A ideia do destino é essencial no percurso do herói trágico, pois segundo Joyce Neves de Campos (2012, p. 31) na dissertação *Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na Ética aristotélica* “A perspectiva da ação humana mediante o destino funesto imposto pelas divindades é o pano de fundo da narração trágica”. Logo o *daímona* (destino) desejado pelos deuses, apresenta-se aos espectadores já no início da trama servindo como um fio condutor que estabelece, ao longo da jornada da personagem, adversidades que a guiarão fatalmente à catástrofe.

Deste modo, é possível considerar que a postura de Sophia, isto é, a insurreição contra o Estado é uma das ações que constituem o percurso da tragédia, conforme nota-se em *Antígona*, na qual a insurreição diante do destino traçado é uma marca bastante presente. No poema *Biografia*, Sophia expõe a luta contra o regime autoritário, mais especificamente, contra o fascismo presente no país.

Biografia

Tive amigos que morriam, amigos que partiam
Outros quebravam o seu rosto contra o tempo.
Odiei o que era mais fácil
Procurei-me na luz, no mar, no vento (ANDRESEN, 2018, p.396)

Em “Tive amigos que morriam, amigos que partiam” (ANDRESEN, 2018, p. 396), a poeta refere-se aos companheiros mortos, e aos exilados pelo regime de Salazar. Para Malheiro (2008, p. 110)

Sophia traça – ou diz – com algumas breves e sugestivas pinceladas o seu mais genuíno autorretrato, colocando-se inequivocamente ao lado daqueles que mais ama e admira, os amigos <<que partiam>>, exilados, por renegarem aquela pátria de renúncia e de opressão, como Jorge de Sena.

Em seguida, “Outros quebravam o seu rosto contra o tempo” (ANDRESEN, 2018, p. 396), nota-se o uso da palavra “tempo” como metáfora para política autoritária, com o objetivo de driblar os censores, pois segundo Ceia (2018, p. 71),

o tempo político depende de um processo de codificação partilhado por todos os poetas portugueses que escrevem antes do 25 de Abril: simboliza sempre o Regime fascista, que não podia ser nomeado diretamente.

Logo, os amigos que ficaram, quebraram, necessariamente, o rosto contra o autoritarismo, ou seja, tiveram que lidar com ele. Entre eles, está Sophia, arrematada pela busca incessante da liberdade perdida. Liberdade esta, que no seu caso, é acessada por meio dos elementos naturais, em “Procurei-me na luz, no mar, no vento” (ANDRESEN, 2018, p. 396). Assim trata-se da “[...] procura da presença totalizadora dos elementos que garantirá a união do sujeito com o cosmos e que conduzirá ao tempo absoluto” (MALHEIRO, 2008, p. 110).

Já em “Cais”, observa-se a tentativa de recuperação do tempo absoluto perdido. Isso se dá a partir da figura do navio que parte de uma plataforma fixada em areias de um “[...] presente fragmentado, representado pelo cais e pelo enclausuramento” (MALHEIRO, 2018, p. 111), isto é, pela censura promovida pelo Estado.

CAIS

Para um nocturno mar partem navios,
Para um nocturno mar intenso e azul
Como um coração de medusa
Como um interior de anémona.
Naturalmente
Simplesmente
Sem destruição e sem poemas,
Para um nocturno mar roxo de peixes
Sem destruição e sem poemas
Assombrados por miríades de luzes
Para um nocturno mar vão os navios.
Vão.
O seu rouco grito é de quem fica
No cais dividido e mutilado
E destruído entre poemas pasma (ANDRESEN, 2018, p. 401)

Todavia, mesmo que essa embarcação parta de um cais corrompido, é por meio do navio que a jornada para liberdade é guiada. “[...] Tal como em Pessoa, o navio representa não só a liberdade e a euforia da descoberta do eu e dos intermináveis meandros do inconsciente, mas remete igualmente para a viagem iniciática” (MALHEIRO, 2018, p. 111).

Deste modo, Malheiro (2018) aponta que Sophia deseja de toda maneira recuperar o tempo perdido para escapar do presente terrível.

3 O HERÓI TRÁGICO

Para a professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, Sonia Pascolati (2009, p. 106) “O trágico nasce do confronto do herói com uma fatalidade, inevitável e insolúvel, geralmente provocada pelo conflito do homem com algo que lhe é superior (princípio moral, preceito religioso)”. Em “Marinheiro sem mar”, apresenta-se a dualidade mar e cidade, mais especificamente, a quebra do elo entre a figura do marinheiro e seu lugar de origem e estada. Essa dualidade circunda a obra de Sophia, “[...] tudo está sujeito a uma contínua transformação no seu oposto: o activo em passivo, a vida em morte, ordem em caos, etc., havendo, contudo, um equilíbrio silencioso que persiste nas combinações dualistas” (CEIA 1996, p. 146).

Marinheiro sem Mar

Longe o marinheiro tem
Uma serena praia de mãos puras
Mas perdido caminha nas obscuras
Ruas da cidade sem piedade

Todas as cidades são navios
Carregados de cães uivando à lua
Carregados de anões e mortos frios

E ele vai baloiçando como um mastro
Aos seus ombros apoiam-se as esquinas
Vai sem aves nem ondas repentinas
Somente sombras nadam no seu rastro.

Nas confusas redes do seu pensamento
Prendem-se obscuras medusas
Morta cai a noite com o vento

E sobe por escadas escondidas
E vira por ruas sem nome
Pela própria escuridão conduzido
Com pupilas transparentes e de vidro

Vai nos contínuos corredores
Onde os polvos da sombra o estrangulam
E as luzes como peixes voadores
O alucinam.

Porque ele tem um navio mas sem mastros
Porque o mar secou
Porque o destino apagou
O seu nome dos astros

Porque o seu caminho foi perdido
O seu triunfo vendido
E ele tem as mãos pesadas de desastres

E é em vão que ele se ergue entre os sinais
Buscando a luz da madrugada pura
Chamando pelo vento que há nos cais

Nenhum mar lavarà o nojo do seu rosto
As imagens são eternas e precisas
Em vão chamará pelo vento

Que a direita corre pelas praias lisas
Ele morrerá sem mar e sem navios
Sem rumo distante e sem mastros esguios
Morrerá entre paredes cinzentas
Pedços de braços e restos de cabeças
Boiarão na penumbra das madrugada lentas

E ao Norte e ao Sul
Ao Leste e ao Poente
Os quatro cavalos do vento
Sacodem as suas crinas

E o espírito do mar pergunta:

“Que é feito daquele
Para quem eu guardava um reino puro
De espaço e de vazios
De ondas brancas e fundas
e de verde vazio?”

Ele não dormirá na areia lisa
Entre medusas, conchas e corais
Ele dormirá na podridão
E ao Norte e ao Sul
E ao Leste e ao Poente
Os quatro cavalos do vento
Exactos e transparentes
O esquecerão

Porque ele se perdeu do que era eterno
E separou o seu corpo da unidade
E se entregou ao tempo dividido
Das ruas sem piedade (ANDRESEN, 2018, p.364-366)

Já na primeira estrofe, encontra-se a apresentação dos contrapontos entre praia e cidade. Enquanto esta é um local de carga negativa “Ruas da cidade sem piedade” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366), aquela está ligada à leveza e a liberdade “Uma serena praia de mãos puras” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366). Indo mais a fundo é possível visualizar a construção da percepção da cidade como algo ligado à solidão, simbolizada por meio da representação de “carregados de cães uivando à lua” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366), além de imagens que beiram o bizarro proporcionado pela morte “carregados de anões e mortos frios” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366). A cidade, como um fardo a ser carregado, é reforçada, dessa vez, pela imagem do marinheiro que leva nos ombros todo o peso das esquinas do espaço urbano.

A partir da terceira estrofe, inicia-se um mergulho, tanto pelo inconsciente do marinheiro que percorre os lugares urbanos num estado de confusão mental “Nas confusas redes do seu pensamento prendem-se obscuras medusas” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366), quanto pelas profundezas do mar, já que os animais indicados, “obscuras medusas”, “polvos da sombra” e “peixes voadores” são parte das regiões abissais, onde espécies marinhas têm aparências assustadoras. Imagem essa que se conecta com o sentimento do terror e da tristeza. Assim, os elementos marinhos mais temíveis, e que ao mesmo tempo fazem alusão ao cotidiano do marinheiro, apresentam-se como referências às características urbanas aterradoras; tanto que as luzes que alucinam a personagem são representadas por “peixes voadores”. J.B. Martinho (2013, p. 14) aponta no prefácio de *Mar Novo* que “Em nenhuma outra obra da autora, poderia mesmo dizer-se, é tão pronunciada essa negatividade, tão intensamente se recorta a presença da treva”. Partindo para as estrofes quatro, cinco e seis, é possível identificar, um trajeto urbano ameaçador percorrido pelo marinheiro, a ponto de ser guiado somente pela própria escuridão, ou seja, pelo caos e solidão causados pela cidade.

A partir da estrofe sete, o eu-poético constrói uma narrativa essencialmente trágica. O marinheiro configura-se como a figura de caráter elevado em “Marinheiro sem Mar”, pois pode ser lido como aquele que fez do cenário marítimo seu reino, e que agora sofre com a quebra dessa parte que o compõe, presente na última estrofe: “E separou o seu corpo da unidade” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366).

Já para os historiadores Vernant e Vidal-Naquet (2002, p. 4), em *Mito e tragédia na Grécia Antiga I e II*, “O domínio da tragédia situa-se nessa zona fronteira onde os atos humanos vêm articular-se com as potências divinas”, definição esta, que tem ligação com os versos ““E o espírito do mar pergunta: “Que é feito daquele/ Para quem eu guardava um reino puro/ De espaço e de vazios/ De ondas brancas e fundas e de verde vazio?”” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366).

Ao elaborar-se o espaço marítimo como um ambiente proveniente de leveza e felicidade para o eu-poético, é possível caracterizar o sentimento de felicidade do marinheiro ao estar em comunhão com o mar, como *eudaimonia*. Para o professor da Universidade de Coimbra, António Manuel Martins (1994, p. 185), a *eudaimonia* trata-se da:

[...] actividade mais caracteristicamente humana, naquela que determinar rigorosamente a sua função no mundo. E como é que Aristóteles vai chegar à determinação dessa função (ergon) específica do homem? Eliminando as funções que ele partilha com outros seres vivos até restar apenas uma função que lhe é própria.

Ou seja, a vivência do marinheiro, concentra-se em funções dirigidas essencialmente a si próprio, como por exemplo, a sobrevivência durante os longos períodos em alto mar, sem nenhum indício da presença humana, proporcionando um mergulho interno e íntimo.

Segundo a pesquisadora Filomena Yoshie Hirata (2008, p. 7), o conceito de *hamartia* apresenta-se como “Um ato perigoso, cometido porque o agente não é conhecedor de alguma circunstância vital. A essência da *hamartia* é a ignorância combinada com a ausência de intenção criminosa”. Assim, é possível notar, o momento que o marinheiro deixa seu lugar de origem, o mar, e parte para a cidade, caracterizando-se como o erro causador da queda do herói trágico, acontecimento este, anunciado na primeira estrofe “Longe o marinheiro tem/ Uma serena praia de mãos puras/ Mas perdido caminha nas obscuras/Ruas da cidade sem piedade” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366).

Retomando o conceito de *hamartia*, observa-se que o marinheiro tem noção da importância do mar para sua existência, mas o deixa mesmo assim. No entanto, a quebra do elo mar-marinheiro evoca o destino final “Ele morrerá sem mar e sem navios/ Sem rumo distante e sem mastros esguios” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366).

Já na estrofe seguinte, pode-se estabelecer o verso “Os quatro cavalos do vento/ sacodem as suas crinas” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366) com a chegada de Poseidon, deus que nutria forte ligação com cavalos. No verso seguinte “E o espírito do mar pergunta/ Que é feito daquele para quem eu guardava um reino puro” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366), outra relação com Poseidon está presente, ao relacionar-se o espírito do mar com o rei dos mares, terremotos e tempestades, considerado a representação dos gregos para o paradoxo apresentado pelos elementos marítimos. Este, filho de Zeus pode, então, configura-se como o Deus a quem o marinheiro desafiou ao deslocar-se do mar para a cidade, cometendo a áte (cegueira da razão) ao instigar a *nêmesis* (cólera divina). Dessa maneira, o marinheiro, só tem como destino o abismo final, pois na última estrofe, Sophia indica “Porque ele se perdeu do que eterno/ E separou o seu corpo da unidade/ E se entregou ao tempo dividido/ Das ruas sem piedade” (ANDRESEN, 2018, p. 364-366).

Em “A anêmona dos dias”, pode-se observar outro exemplo da jornada do herói trágico.

A anêmona dos dias

Aquele que profanou o mar
E que traiu o arco azul do tempo
Falou da sua vitória

Disse que tinha ultrapassado a lei
Falou da sua liberdade
Falou de si próprio como de um Messias

Porém eu vi no chão suja e calcada
A transparente anêmona dos dias (ANDRESEN, 2018, p. 381)

O poema tem início com “Aquele que profanou o mar/ E que traiu o arco azul do tempo/Falou da sua vitória” (ANDRESEN, 2018, p. 381), isto é, a voz poética indica que se comemora com certa arrogância, o fato de ter deixado o lugar de origem, no caso, o mar. Nesse recorte, nota-se o elemento da áte (cegueira da razão) seguido pela *hamartia*, pois o herói está ignorante do ato que está cometendo.

Na sequência, “Disse que tinha ultrapassado a lei/ Falou da sua liberdade / Falou de si próprio como de um Messias” (ANDRESEN, 2018, p. 381), o eu-lírico, se autodenomina, o salvador que é superior às leis, ou seja, aos deuses. Por isso, pode-se visualizar o erro que causará a queda do herói, pois o eu-lírico em um momento característico de *hybris* (descomedimento) gera a *nêmesis* (cólera divina), ao equipar-se a um messias, ou seja, um enviado dos deuses.

Nos versos finais, “Porém eu vi no chão suja e calcada/A transparente anêmona dos dias” (ANDRESEN, 2018, p. 38), Sophia insere o elemento da cidade ao citar a palavra “chão”, seguida de “suja”, portanto, trata-se do urbano, que para a poeta é o contrário do sentimento de inteireza, é o ambiente que promove uma divisão da alma humana. Então, esta imagem é reforçada com a figura do animal marinho anêmona, como o belo que é terrível. Assim, se dá o destino trágico do herói, em que é punido por ter provocado os deuses na anêmona dos dias, ou seja, em um cotidiano calcado no urbano, que é sujo e terrível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que a partir da temática escolhida – a tragicidade no contexto marítimo – pode-se identificar em *Mar Novo*, uma série de desdobramentos acerca do tema, que se conectam por meio de uma sequência de sentimentos ligados ao trágico ao longo do livro.

Inicialmente, foi identificado nos poemas “Liberdade” e “Poema inspirado nos painéis que Júlio Resende desenhou para o monumento que devia ser construído em Sagres”, o que J.B Martinho apresenta como “mal-estar”. Em outras palavras, a frustração de uma geração artística, aqui representada por Sophia, frente ao rumo político que Portugal havia tomado. Em um segundo momento, esse “mal-estar”, realoca-se para uma ação frente ao sistema imposto ditatorialmente, isto é, a insurreição daqueles que antes se viam frustrados, através dos poemas “Biografia” e “Cais”. Além disso, nota-se nos poemas “Marinheiro sem mar” e “A anêmona dos dias”, como perspectiva macro e norteadora do conceito trágico, a presença do herói, ou seja, aquele que promove a experienciação da sua trajetória, a partir da ignorância absoluta dos fatos que o levam ao fim trágico.

Quanto à alegoria do mar, esta funciona como um catalizador das experiências trágicas, pois é o elemento que acessa o passado glorioso das navegações portuguesas, e, é o atalho para o lugar da inteireza, do tempo absoluto, e da liberdade. Assim, considerar-se que o mar é a possibilidade de ressignificação da experiência da tragicidade.

Dessa maneira, é possível concluir que o trágico e o mar são elementos eficazes para a construção de uma narrativa poética calcada na expressão do discurso político que Sophia propõe em *Mar Novo*.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra Poética**. Lisboa: Tinta da China, 2018.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993
- BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. Nas pausas do verso: a trama dos acontecimentos e seus intervalos na poesia de Sophia Andresen. **Navegações**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 180-187, jul./dez. 2010.
- CAMPOS, Joyce Neves de. **Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na Ética aristotélica**. 2012. 81 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Goiás, Goiana, 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/115/o/JOYCE_NEVES_DE_CAMPOS.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- CEIA, Carlos. **Iniciação aos mistérios da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Lisboa: Vega, 1996.
- _____. **O estranho caminho de Delfos: uma leitura da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Lisboa: Vega, 2018.
- SENA, Jorge de. Sophia e a palavra: entrevista. **Revista Noesis**, Lisboa, n. 26, p. 50-51, mar./maio 1993.
- HIRATA, Filomena Yoshie. A hamartía aristotélica e a tragédia grega. **Anais de Filosofia Clássica da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 83-91, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/17041/10381>>. Acesso em: 21 jun. 2020
- MALHEIRO, Helena. **O enigma de Sophia: da sombra à claridade**. Alfragide: Oficina do Livro, 2008.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- MARTINS, A. M. A Doutrina da Eudaimonia em Aristóteles: da urgência de uma reconsideração da compreensão aristotélica da ética. **Humanitas**, Coimbra, v. 46, p. 177-197, 1994. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas46/11_Antonio_Martins.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.
- MARTINHO, J.B. Prefácio. In: ANDERSEN, Sophia de Mello Breyner. **Mar Novo**. 5. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. p. 11-22
- MOST, Glenn. Da tragédia ao trágico. In: ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Filosofia e literatura: o trágico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- PASCOLATI, Sonia. **Operadores de leitura do texto dramático**. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.
- SANTOS, Adilson. A Tragédia Grega: um estudo teórico. **Investigações**, Recife, v. 18, n. 1, p. 41-67, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1501>>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia Antiga I e II**. São Paulo: Perspectiva, 1999.